

# Sonhos e infâncias perdidas em Nampula

Texto de Charles Moniz – Nampula

**C**asar-se, ser obediente, uma boa esposa e doméstica, garantir a continuidade da espécie humana, saber cuidar do marido e nunca se insurgir contra as suas ordens são alguns preceitos que as comunidades incutem nas meninas desde a infância, sem avaliar os prejuízos destas práticas, acarretam na vida de quem é forçada a interromper a instrução para ser servil. Quadro das celebrações do dia 1 de Junho, dia internacional da criança e da quinzena da criança, o Jornal Mwatengue procurou ouvir algumas adolescentes nas zonas rurais e urbanas, onde as mesmas dizem que o termo “escolha” para elas é tabu ou insulto para alguns progenitores.

“Casei-me com um homem escolhido pelos meus pais e não lhes podia desobedecer. Tive o primeiro filho mais perdi-o durante o parto. Meu marido não me respeita, alegadamente diz que casou comigo porque os meus pais permitiram”- narrou, Esmeralda Paulo residente arredores do distrito de Ribáue. O drama acima exposto não se regista apenas no meio rural. Na terça-feira passada, o Mwatengue encontrou Julieta de 22 anos de idade, com uma lata de água na cabeça algures do bairro de Namicopo, no Posto Administrativo com o mesmo nome, cidade de Nampula. Ela disse que constituiu um lar com apenas 17 anos de idade, e por outro lado considera que seja culpada.

Segundo a nossa entrevistada, casou-se quando frequentava a 10ª classe, “o meu esposo arranhou outra mulher porque eu sou estéril...por várias vezes fui submetida a tratamentos tradicionais mais não consigo engravidar” Contou Julieta, acrescentando que raramente coloca o problema aos seus pais porque esses deixaram claro que o seu lugar é ao lado do seu marido.



Num outro desenvolvimento, Lúcia Carlos, moradora do bairro de Murrapaniua, cidade de Nampula, disse estar arrependida por desperdiçar sua infância andando atrás do seu actual marido porque mesmo quando vivia em casa dos seus progenitores a vida não era das melhores.

Moçambique, em particular casamentos prematuros são um problema já trivial e constituem má prática atribuída aos ritos de iniciação, uma fase da infância durante a qual as miúdas são declaradas prontas para casar e gerar filhos.

Em África, em geral, as uniões matrimoniais forçadas e defendidas com os mais repulsivos cânones de convivência social

têm sido debatidos de forma recorrente, mais persiste a política com vista a estancá-las pese embora interferiram no desenvolvimento físico e psicológico das raparigas.

## “Sem permissão para estudar”

Aos 17 anos de idade, Sofia engravidou e os pais forçaram-na a casar-se com um jovem de 21 anos de idade. Na altura ela frequentava a 9ª classe e o homem com quem passou a viver é desempregado e vive de biscates. Ambos são totalmente dependentes do apoio familiar. Pouco tempo depois a menina teve que interromper os estudos porque tinha e devia dedicar-se ao lar.

Volvidos quatro anos, a rapariga

julga que envelheceu depressa e confessa ter vergonha de se aproximar de algumas amigas, das quais algumas estão na faculdade e outras ainda têm a protecção dos seus pais. A dado momento da entrevista, Sofia, olha para o nosso repórter e desabafa lavada em lágrima “ eu queria estudar mais não tenho como devido as duas crianças que tenho de cuidar”.

A Comissão Episcopal de Justiça e Paz de Moçambique, uma das Comissões Sociais da Igreja Católica tem sensibilizado e organizado diferentes encontros com os seus animadores/as, com vista a prosseguir em questões de sensibilização das comunidades para acabar com esta prática.

